

VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica
Volume 17 | Número 2 | Julho – Dezembro 2023
ISSN 1981-5875
ISSN (online) 2316-9699

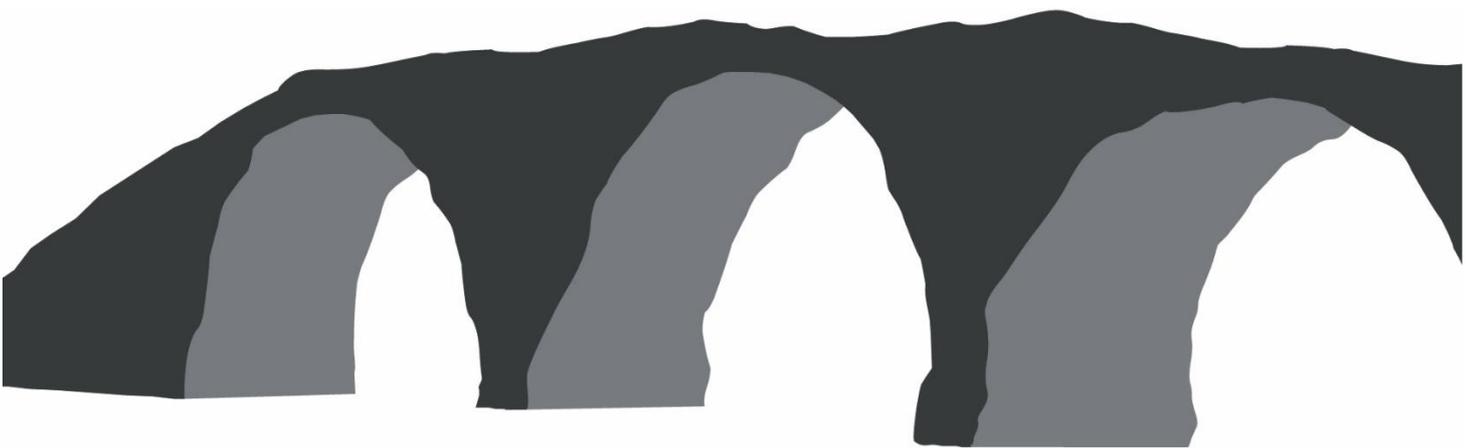
ARQUEOLOGIA NO TERRITÓRIO DO SACRIFÍCIO

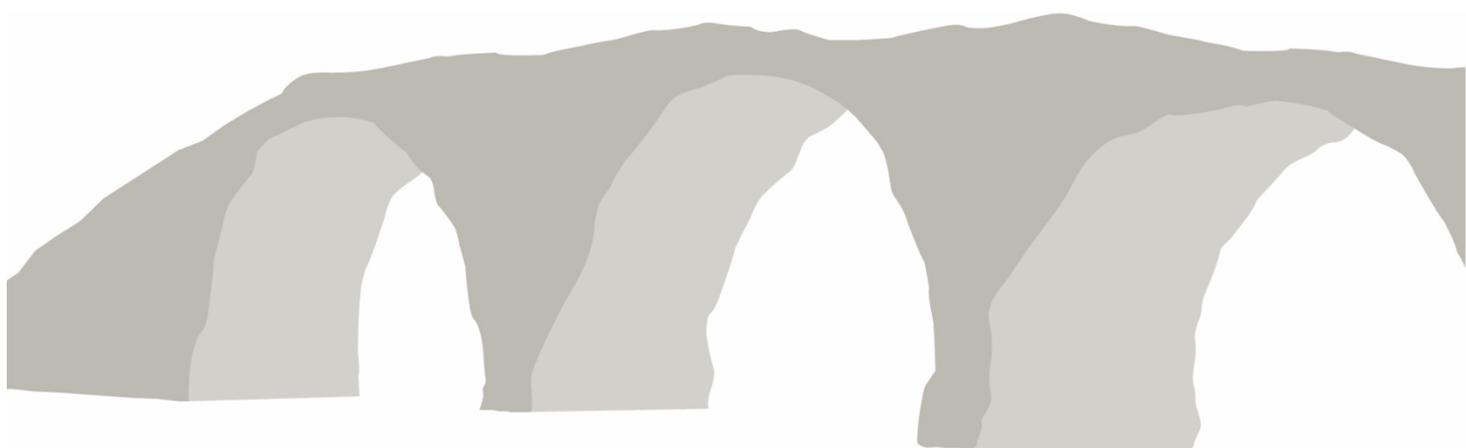
ARQUEOLOGÍA EN EL TERRITORIO DEL SACRIFICIO

ARCHAEOLOGY IN THE TERRITORY OF SACRIFICE

Alejandro Haber

Luciana Fernández





Submetido em: 19/10/2022.

Aceito em: 07/02/2023.

Publicado em: 31/07/2023.

ARQUEOLOGIA NO TERRITÓRIO DO SACRIFÍCIO

ARQUEOLOGÍA EN EL TERRITORIO DEL SACRIFICIO

ARCHAEOLOGY IN THE TERRITORY OF SACRIFICE

Alejandro Haber¹

Luciana Fernández²

RESUMO

Nas redes territoriais pós-coloniais, vários grupos de atores se unem para tensionar o conflito em torno das relações de sentido com o território. Quando o cenário de conflito é tenso, os diversos conjuntos de atores se alinham de acordo com suas cumplicidades epistêmicas básicas. A localidade (ou comunidade local), de um lado, e a ciência, o Estado e o capital de outro, desdobram seus respectivos espaços-tempos em agenciamentos territoriais. Como todo território, Ancasti, no departamento homônimo da província de Catamarca, República Argentina, desenvolve sua própria trama territorial; em particular, destaca-se pela complexidade de cada um dos conjuntos de atores e pela forma como as forças são reordenadas num primeiro momento de tensão. A presença de longa data da intervenção da arqueologia e a redefinição como território sacrificial no contexto do boom do lítio conferem-lhe uma textura específica que descrevemos neste texto.

Palavras-chave: pós-disciplina, indisciplina, redes territoriais, lítio.

¹ Escuela de Arqueología, Universidad Nacional de Catamarca. E-mail: afhaber@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5770-0874>.

² CIS – Conicet / IDES, Buenos Aires, Argentina. E-mail: lucianafernandez1987@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4334-6955>.

RESUMEN

En las redes territoriales poscoloniales, varios grupos de actores se unen para tensionar el conflicto en torno a las relaciones de sentido con el territorio. Cuando el escenario del conflicto es tenso, los diferentes conjuntos de actores se alinean según sus complicidades epistémicas básicas. La localidad (o comunidad local), por un lado, y la ciencia, el Estado y el capital por el otro, despliegan sus respectivos espacios-tiempos en agenciamientos territoriales. Como todo territorio, Ancasti, en el departamento homónimo de la provincia de Catamarca, República Argentina, desarrolla un tejido territorial propio; en particular, destaca por la complejidad de cada uno de los conjuntos de actores y por la forma en que se reorganizan las fuerzas en un primer momento de tensión. La presencia de larga data de la intervención arqueológica y la redefinición como territorio de sacrificio en el contexto del auge del litio le dan una textura específica que describimos en este texto.

Palabras clave: posdisciplina, indisciplina, redes territoriales, litio.

ABSTRACT

Within post-colonial territorial entanglements, various groups of agents come together to tense the conflict around the relationships of meaning with the territory. When the conflict scenario is tense, the various sets of agents are aligned according to their basic epistemic complicities. The locality (or local community), on the one hand, and science, the State and capital on the other, unfold their respective space-times in territorial entanglements. Like any territory, Ancasti, in the homonymous department in the province of Catamarca, Argentine Republic, develops its own territorial plot; in particular, it stands out for the complexity of each kind of agents, and for the way in which the forces are reordered in a first moment of tension. Both the long-standing presence of the archaeological intervention and the redefinition as sacrificial territory in the context of the lithium boom provides a specific texture, which we describe in this text.

Keywords: post-discipline, un-discipline, territorial entanglements, lithium.

REDES TERRITORIAIS PÓS-COLONIAIS E A REDE DE ANCASTI

Este texto descreve a textura específica das redes territoriais pós-coloniais (Haber & Grosso, 2022) de Ancasti, no departamento homônimo da província de Catamarca, República Argentina; essa textura é conferida pela presença de longa data da intervenção da arqueologia e pela redefinição como território do sacrifício no contexto do boom do lítio. Nas redes territoriais pós-coloniais, diversos grupos de atores se unem para acentuar o conflito em torno das relações de sentido com o território. Quando o cenário de conflito é tenso, os diversos grupos de atores se alinham de acordo com suas cumplicidades epistêmicas básicas. A localidade (ou comunidade local), de um lado, e a ciência, ou Estado, e o capital, de outro, dividem seus respectivos espaços-tempos em agenciamentos territoriais. Como todo território, Ancasti desenvolve seu próprio tecido territorial; em particular, destaca-se a complexidade de cada um dos conjuntos de atores e a forma como as forças se rearranjam no primeiro momento de tensão.

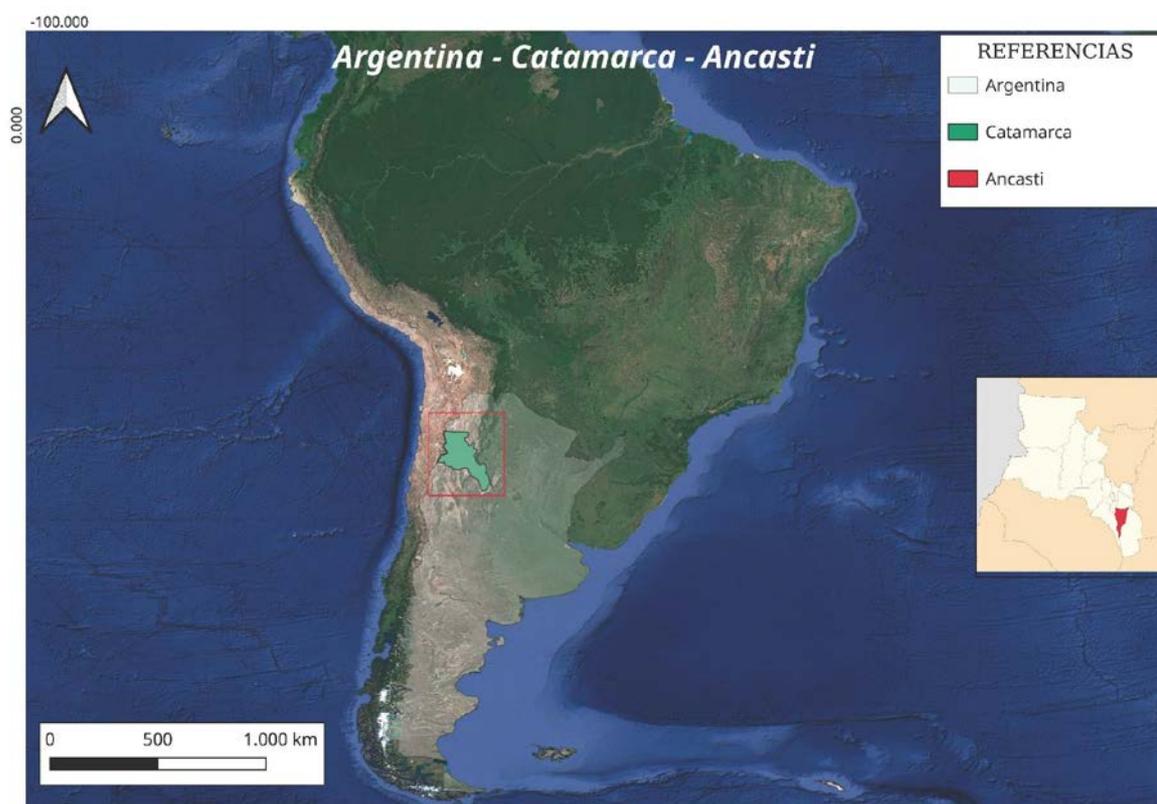


Figura 1. Mapa de Ancasti em Catamarca, Argentina. Os mapas que ilustram este trabalho foram feitos por Pedro Cayuqueo.

Nesse território montanhoso, a localidade é composta por pelo menos dois grupos de habitantes, conterrâneos e hippies, cada um com suas próprias redes relacionais com humanas e não humanas. Ês conterrâneos são descendentes da população nativa, com uma demografia caracteristicamente envelhecida devido à migração para as cidades (principalmente San Fernando del Valle de Catamarca), e uma muito acentuada dependência trabalhista e assistencial do estado provincial e municipal. A população nativa de Ancasti, como a de toda a província de Catamarca, mantém um espectro diversificado de relações de clientelismo com os estados nacionais, provinciais e municipais, a ponto de a manutenção dessas relações constituir uma boa parte da cultura política local. Por sua vez, ês hippies são originárias das grandes cidades da

Argentina e de outros países, e colonizam espaços em desuso ou abandonados pelos conterrâneos, retomando, em muitos casos, atividades agrícolas de subsistência e, em outros, voltando-se para a produção artesanal. A partir dos anos 1990 e 2000 que a colonização hippie se instala como uma experiência, muitas vezes mal sucedida, mas muitas outras não, de recomeço de uma vida familiar camponesa ou semi-camponesa, por populações praticamente desprovidas de uma bagagem territorial e conhecimento prático para esses objetivos. Uma diversidade de interações entre hippies e conterrâneos permite uma convivência tensa e até conflitante às vezes, embora no decorrer da vida se possa dizer que alimentam as relações de vizinhança (Fernández, 2021).

A *ciência* tem uma presença de intensidade relativamente baixa, mas de longa duração, principalmente protagonizada pela arqueologia disciplinar da arte rupestre centrada nas saliências rochosas de La Tunita e outras, orientada para o conhecimento das populações do passado. A partir de 2003, através do Plano de Manejo proposto em sua dissertação de mestrado pelo arqueólogo de Catamarca Domingo Carlos Nazar (2003), a arqueologia de Ancasti iniciou uma reconversão tecnológica pós-disciplinar (Haber, 2015) voltada para o turismo arqueológico e a organização da comunidade local pela sua intervenção na mesma.

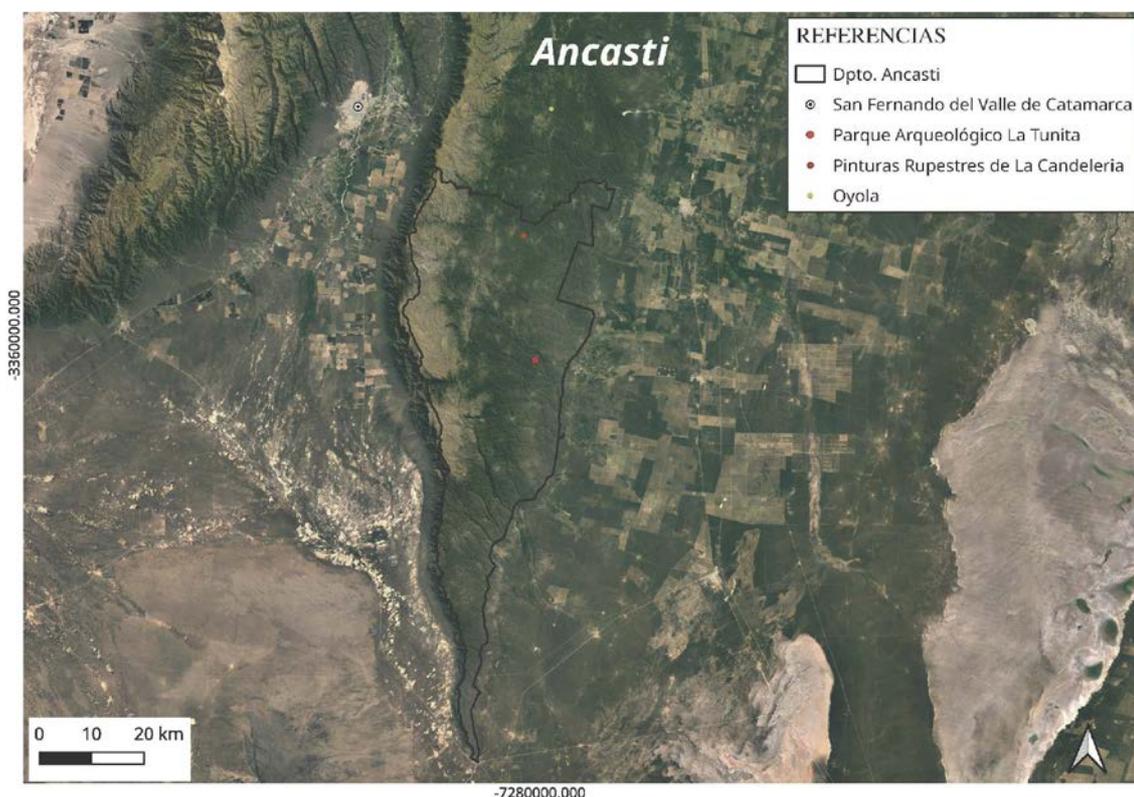


Figura 2. Sítios com pinturas rupestres em Ancasti.

O *Estado*, por meio de diferentes ramos administrativos, tem intervenções diversas e até conflitantes. Por um lado, o setor do turismo promove a abertura de estradas que permitem o acesso público aos sítios de arte rupestre. Por outro lado, o estado provincial está envolvido na criação de uma área arqueológica protegida com acesso regulamentado, criando um Parque Arqueológico em 2007. Em associação com uma organização paraestatal, a ONG Fundação de História Natural Félix de Azara, intervém na instalação de centros de sinalização e interpretação nas proximidades dos locais.

Ao mesmo tempo, a Secretaria de Mineração do governo provincial está fornecendo forte apoio à empresa de mineração australiana Latin Resources (Latin Resources, 2022) para sua campanha de exploração de lítio

em pegmatito nas proximidades de locais de arte rupestre. Algum tempo depois, esta corporação estabelece uma aliança com a mineradora argentina Integra Lithium. É aí que o *capital* intervém verticalmente.

Quando o conflito é tenso, os grupos de atores reordenam suas orientações. Parte da população (conterrâneos e hippies) organiza-se em assembleia socioambiental, enquanto outra parte aproveita a oportunidade para obter algum trabalho temporário, embora comparativamente bem remunerado, a serviço da mineradora. A intervenção arqueológica que iniciou a sua reconversão pós-disciplinar diminui de intensidade enquanto dura a intervenção mineira, embora outros acadêmicos vinculem a sua presença às assembleias locais resistentes à intervenção. Por fim, o Estado rejeita (ou congela temporariamente) qualquer outra intervenção que não seja mineradora, inclusive suspendendo a inauguração do Parque promovido, que abre em 2019 (Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, 2019). Entretanto, o capital desenvolve a sua campanha de exploração e depois de obter as amostras necessárias para qualificar o projeto, retira-se fisicamente da área (embora naturalmente mantenha a propriedade mineira que, com os resultados da análise das amostras, obtém uma qualificação superior). A propriedade mineira permanecerá nas mesmas mãos ou será vendida, dependendo das decisões estratégicas do negócio, e a exploração irá parar, prosseguir ou passar para a fase de projeto de exploração. O contexto global da transição energética confere a este recurso uma perspectiva de grande interesse financeiro.

ANCASTI: AGENCIAMENTOS TERRITORIAIS EM CONFLITO

As casas de pedra, como dizem ês vizinhos, ou La Tunita, como ês arqueólogos deram a conhecer este lugar nas Serras de Ancasti, são habitadas por seres que convivem no presente com a comunidade local, turistas, visitantes e pesquisadores. Esses seres pintados nas pedras nos levam a outros tempos, nos conectam com outras formas de ser, de viver e de se relacionar entre humanes e inumanes³ (e veja abaixo a matéria sobre o *uturunco*). Os vestígios de populações que, no passado, criaram uma total transformação na paisagem, estão presentes por toda a parte. Inúmeros barrancos com terraços de pedra que geram espaços férteis aparecem enquanto subimos e descemos colinas, percorrendo as estradas e trilhas de montanha. O passado convive com o presente, nas grutas, na floresta, em cada viagem pela paisagem vivida.

Ê feline ou onça é pintado em várias das cavernas que hoje fazem parte do Parque Arqueológico La Tunita. Neste local, desde 2007, avança um processo de patrimonialização que se materializa hoje com a construção de um Centro de Interpretação à entrada do Parque e de um circuito turístico constituído por trilhos sinalizados. Aqui, diferentes racionalidades se opõem, percebendo o ambiente de maneiras muito diferentes. No entanto, algunes prevalecem sobre outres. No discurso disciplinar arqueológico, a cultura La Aguada (também Ambato ou Período de Integração Regional) é o autor das pinturas rupestres de La Tunita (De la Fuente 1969, 1979, Nazar 2003). As interpretações sobre a onça sacrificial foram difundidas por muitos arqueólogos: o Sol/Onça sacrifica sua presa e se alimenta de sangue, cortando cabeças com seu machado (Pérez Gollán e Heredia, 1987). Mas outras interpretações dão conta da transformação que possibilita aê xamã acessar a arte de curar, obtendo a visão de raios X, pois ele também tem a capacidade de se desdobrar e se comunicar com ês mortes, sendo esta encarnada na iconografia, transmitindo a ideia da dualidade dos seres (Llamazares, 2000). Ê feline é o alter ego do xamã que, através de sua transformação, consegue unir o mundo

³ A divisão entre humanês e inumanês reforça a dicotomia moderna que o foco em múltiplas agências procura desconstruir e, em particular, pode ser vista como contrária à própria ideia de rede relacional. Nesse sentido, o uso da palavra "inumanês" deve ser entendido neste texto como uma abreviatura das múltiplas agências não antrópicas.

da natureza, o mundo sobrenatural e o mundo humano. Sobre os xamãs com o poder de se transformar em onças (Llamazares, 2000), impõe-se uma leitura da iconografia da Aguada, que dá conta de guerreiros e sacrificadores decapitando cabeças.

A cultura La Aguada, ou Período de Integração Regional, é vista como um estágio evolutivo de acumulação política e complexidade crescente, intermediário entre um estágio tribal e o surgimento de chefias e pró-estados complexos. As casas de pedra de Ancasti inserem-se, através da intervenção da disciplina arqueológica, num tempo linear orientado para uma crescente complexidade política e econômica, vetorizando o tempo-espaço local. A narrativa do xamã / onça / guerreiro / sacrificador / chefe político empresta um antecedente pré-colonial à violência que já é uma característica da cultura local. Em vez disso, a violência da conquista permanece silenciosa no discurso arqueológico disciplinar, que se impõe como a única leitura possível do passado. Esse mesmo passado pré-colonial das casas de pedra de Ancasti, narrado como um violento prelúdio de uma violência não narrada, converte o sentido trágico da história local em um valor equivalente. Este é o passado que será transformado em mercadoria no âmbito da oferta do Turismo Cultural (Nazar, 2003, 2013).



Figura 3. Onça pintada em La Tunita. Todas as fotografias que ilustram este trabalho são de Luciana Fernández.



Figura 4. *Xamãs pintadês em La Tunita.*

No caminho para La Tunita, na zona de Santa Gertrudis, encontramos também as fiandeiras e tecelãs de seda selvagem ou *coyoyo*, como é chamado localmente o verme que se transforma em borboleta, gerando a pupa que é a matéria-prima necessária para os tecidos (Jurado e Zapata, 2018). As mulheres de Santa Gertrudis se destacam por sua grande habilidade técnica e por manter viva uma prática que, como tantas outras, dá conta da relação e vínculo com o território (Fernández, 2022a). Mas, embora as técnicas sejam mantidas, as lógicas de produção e consumo estão mudando, pois não é apenas tecido, como há algumas décadas, para o uso diário, mas também para oferecer as peças de vestuário no reduzido mercado turístico. Por outro lado, o assim chamado “patrimônio imaterial” representado nas mestras tecelãs deu sentido ao projeto “Seda da montanha, tesouro escondido”, que visava salvaguardar a técnica de obtenção de fios e tecidos de seda selvagem. A proposta foi dirigida pela designer têxtil Martina Casiau e consistiu fundamentalmente no fortalecimento do grupo “As tecelãs”, formado por cinco moradoras de Santa Gertrudis e coordenado pela dona Paula Romero. Este projeto ganhou fundos para a salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial Crespial-Unesco no final de 2016 (El Esquiú, 2017).

A patrimonialização, no entanto, não dá conta dos arranjos territoriais locais nos quais a indústria têxtil de *coyoyo* intervém. Ês vizinhos de Santa Gertrudis, convivem com habitantes de outros tempos, como a falecida Salomé, tecelã de *coyoyo*, parteira e curandeira, para quem uma vela é acesa para encontrar animais perdidos. Tecelã ancestral das tecelãs atuais, como Dona Paula, que praticam e transmitem o saber de fiar e tecer seda selvagem (Fernández, 2021).



Figura 5. Casulos de Coyoyo.



Figura 6. Tecido coyoyo ou seda selvagem.

Santa Gertrudis tornou-se chave para entender como os significados locais se cruzam, a partir da relacionalidade do viver cotidiano na comunidade local de seres, com os agenciamentos territoriais da ciência e do Estado, que vetorizam o espaço-tempo relacional e mercantilizam os seres que vivem na comunidade local. A arqueologia pós-disciplinar e os planos governamentais enunciam o território em termos de *patrimônio material* (grutas com pinturas rupestres) e *imaterial* (conhecimentos das tecelãs), *valorização e promoção turística*.

A tudo isso se soma a intervenção do capital com o avanço dos projetos corporativos de extração de lítio, também promovidos pelos governos. O Estado está dos dois lados da intervenção, para, por um lado, falar em proteger o patrimônio e, por outro, promover o sacrifício dos territórios que vão alimentar o *boom* do lítio. A mercantilização do território adquire então um significado diferente, o sacrifício em benefício da sobrevivência planetária para sair da crise energética. A hipérbole sacrificial 'sacraliza', não o território, mas sua exploração a qualquer custo, que de uma oportunidade mercantil (o *boom*) se transforma na última -necessária e, portanto, blindada- esperança planetária. Oculto na operação está o que são precisamente os sucessivos atos de sacrifício da acumulação capitalista que levaram à crise ambiental e climática, para a qual o mesmo tipo de solução que causou a catástrofe em primeiro lugar está sendo oferecida novamente.

O crescente e explosivo interesse pelo lítio combina-se com políticas estatais que incentivam e favorecem investimentos de empresas transnacionais. A mega-mineração se consolida como política de estado, tanto provincial quanto nacional, e os projetos se multiplicam. No ano de 2017, as explorações mineiras são realizadas em Santa Gertrudis, e a notícia se espalha de boca em boca. Muites vizinhos estão alarmados com o terrível impacto que essas atividades têm como consequência: foi assim que a Assembleia Ancasti pela Vida nasceu como um espaço de encontro entre a comunidade local e com outras assembleias socioambientais.

Este espaço de resistência e questionamento da globalização capitalista, discute os discursos sobre os recursos naturais que implicam conceber os elementos que compõem o mundo local como objetos disponíveis para serem usados, mercantilizados e posteriormente descartados. Do ponto de vista local, cada um dos seres que compõem a comunidade cósmica, incluindo as colinas, o solo e a água, tem sensibilidade, agência e conhecimento mútuo, transformam e moldam o ambiente, fazem parte de nós (Fernández, 2022b). É por isso que as assembleias sustentam que “somos água” e “fazemos parte do território”, um espaço-tempo relacional que se orienta para a reprodução de si mesmo e de suas relações constitutivas.

BOOM DO LÍTIO

A megamineração de lítio em Catamarca não é nova. A empresa FMC (agora Livent) está no Salar del Hombre Muerto (departamento de Antofagasta de la Sierra) há mais de vinte anos. No entanto, o que representa um cenário novo é o recente boom explosivo na mineração de lítio globalmente (Zicari, 2015). Nesse contexto, e apesar de uma longa experiência de megamineração na província, com resultados mais próximos do desapontamento do que da esperança, o avanço das empresas transnacionais contenciosas é visto com bons olhos pela opinião pública, graças à propaganda do governo que prioriza os investimentos como saída da crise econômico-financeira na Argentina, atormentada por uma dívida externa desproporcional. Mas, além disso, acrescenta-se um imaginário fundamental: o boom do lítio se apresenta como uma solução -talvez a única- diante da urgência marcada pela necessidade de uma transição energética global, dadas as previsões de deterioração acelerada do clima e dos recursos escassos. De forma contraditória, a mesma justificativa para o boom, a urgência pelo esgotamento dos recursos, é também o principal resultado local do boom, que gera

esgotamento nos locais onde explode. Ou seja, o boom aparece como solução, mas acaba sendo visto como demarcação do território do sacrifício.

O boom do lítio em Catamarca é apenas isso, uma explosão empresarial de projetos, investimentos e avanço de capital em novos territórios para a extração de recursos. Esse boom também marca uma urgência. E dessa premente necessidade global de descarbonização surge a busca da salvação por meio de alternativas "amigáveis". Nesse sentido, enquanto a extração de outros metais como ouro ou cobre é questionada devido aos graves impactos socioambientais relatados por comunidades afetadas por megamineração, a extração de lítio é apresentada como mineração sustentável. O lítio é promovido como uma energia renovável, uma nova proposta energética para a sociedade de consumo, muito mais limpa que o já escasso petróleo (Puente e Argento, 2015). Assim, justificam-se os sacrifícios de territórios inteiros, juntamente com os de seus habitantes.

Como já referimos anteriormente, encontramos-nos imersos num contexto global onde a valorização do lítio no mercado mundial leva as empresas internacionais a colocarem o seu interesse nas regiões que possuem este recurso em relativa abundância. Assim, Argentina, Chile e Bolívia passaram a fazer parte do chamado 'triângulo do lítio' (Aguilar e Zeller, 2012) porque as maiores reservas de lítio do mundo se encontram em suas salinas. Esse metal é cobiçado por ser necessário para fabricar baterias para aparelhos que ganharam massa nos últimos anos, como celulares e laptops. Mas será usado em quantidades muito maiores para fabricar baterias para carros elétricos, que substituirão a frota do Norte global em poucos anos, aumentando exponencialmente a necessidade de fabricar baterias para a sociedade pós-fóssil (Fornillo, 2015).

Analisando o caso da Argentina, segundo dados do Serviço Geológico dos Estados Unidos (USGS), as reservas nacionais de lítio estão concentradas em três províncias: Catamarca, Salta e Jujuy, com mais de 870.000 hectares disponíveis para exploração. Estima-se que haja entre 10 e 12 por cento das reservas totais do mundo. Em Catamarca existem inúmeros projetos de lítio que estão em diferentes etapas: prospecção, exploração inicial e avançada, viabilidade e produção. Em Fiambalá (Tinogasta) foi autorizada a exploração do projeto Tres Quebradas, da empresa chinesa Zijin Mining, por meio de sua subsidiária local Liex, localizado na Varanda do Pissis cercada pelos vulcões da reserva ambiental Os Seismiles no meio da cordilheira dos Andes, a 4.300 metros acima do nível do mar, que produzirá anualmente 20.000 toneladas de carbonato de lítio.

Na Serra de Ancasti (Ancasti), a Integra Capital assinou um projeto conjunto com a mineradora australiana Latin Resources para a exploração e extração de lítio em uma área de 77.000 hectares de concessões no departamento de Ancasti e no Vilismán, departamento El Alto. Na Salina do Hombre Muerto (Antofagasta de la Sierra) estão avançando novos projetos, e já são oito, segundo o Ministério de Minas da província de Catamarca. As empresas e seus respectivos projetos são: Livent Inc. (Fenix), Posco C.I. (Gold Salt), Galaxy Lithium S.A. (Sal de Vida), Santa Rita STL (Virgen del Valle), Galán Lithium Ltd. (Candelas), Galán Lithium Ltd. (outras petições), Alpha Lithium Ltd. (na salina El Tolillar e petições na salina do Hombre Muerto). Outros projetos estão sendo elaborados na Salina de Antofalla com localidades no mesmo departamento (Aroca 2022).

Catamarca é enunciada como um espaço vazio e estéril (o conhecido discurso do "deserto") que só pode servir neste momento como fonte de recursos para 'bons propósitos', pois estaria contribuindo para a transição global para o uso de energia limpa. O estado está atualmente desenvolvendo uma nova narrativa em torno da expressão "Catamarca mineira", à qual todas as instituições locais, incluindo a Universidade, se submetem, em uma nova retórica colonial que Grosso chamou de "refundação mineira de Catamarca" (Grosso, 2022). Nos territórios afetados pela megamineração de lítio, a situação é percebida de forma diferente.

ARQUEOLOGIA NA TRINCHEIRA

Entendendo que cada trincheira é uma posição que demarca sucessivamente uma linha de avanço em um conflito, podemos identificar três trincheiras arqueológicas: a da arqueologia disciplinar, com pelo menos dois efeitos, o lugar da enunciação, ou seja, o lugar do conhecimento sobre Ancasti é a academia e não Ancasti, e espaço-tempo moderno; a da arqueologia pós-disciplinar, que introduz a ideia de espaço-tempo para consumo comercial, pois o conhecimento é mercadoria; e a da arqueologia indisciplinada que, deixando-se levar pelas conversas locais, sai da gaiola do espaço-tempo, rompe com o tempo vetorial e propõe (coletivamente) um contra-tempo.

A arqueologia disciplinar em Ancasti tem um desenvolvimento cujo foco tem sido a arte rupestre de La Tunita e alguns outros sítios, como a caverna Candelaria (Llamazares, 1997/1998, 2000, 2002, 2006) e a caverna Oyola (Quesada e Gheco, 2015). Desde a década de 1970, La Tunita apresenta-se como o sítio que expressava as características plásticas rupestres correspondentes à cultura La Aguada (De la Fuente, 1969 e 1979), cuja expressão na arte cerâmica era conhecida desde tempos anteriores, embora seja da década de 1960, que se tornou o epicentro do desenvolvimento cultural da área Valliserrana do noroeste da Argentina (González, 1955, 1961, 1983, 1998). A partir de então, a arquitetura monumental de La Iglesia de los Indios, Ambato, e a arte cerâmica de La Aguada começaram a se tornar conhecidas, principalmente nos estudos focados em Ambato. Entre 1980 e 1990, multiplicam-se os estudos sobre La Aguada (Pérez Gollán e Heredia, 1987; Regueiro e Tartusi, 2002; Laguens, 2000, 2007; Gordillo, 2007, 2018) e, neste contexto, a arte rupestre de Ancasti intervém como componente para alimentar a interpretação relacionada ao complexo onça / xamãe, o consumo de alucinógenos e a formação de uma sociedade hierarquizada (Nazar, 2003 e 2013).

Cada vez mais, a narração disciplinar de La Aguada, ou Ambato, ou o Período de Integração Regional, é incorporada à retórica evolucionária pela qual constitui um passo intermediário entre a existência de sociedades simples e as chefias complexas que precederam o estado inca. Assim, o complexo plástico que gira em torno da figura da onça / xamãe está inserido em processos de violência simbólica que contribuem para a consolidação da diferenciação política das sociedades indígenas de Catamarca (Regueiro e Tartusi, 2002; Laguens, 2007; Gordillo, 2018).

Qualquer que seja a interpretação, a *disciplina arqueológica* é constituída em local da enunciação da história e da cultura local (Haber, 2012). Mas ainda, tendo em conta a linha de interpretação dominante, a história e a cultura locais inserem-se numa narrativa mestra de tipo evolutivo cuja forma é o tempo vetorial orientada para uma complexidade cada vez maior (diferenciação, estratificação, etc.). Isso promove dois fenômenos simultâneos: o espaço-tempo local e a localidade como lugar de enunciação, são confrontados com um saber hegemônico que os contraria tanto referencial quanto performativamente (Haber, 2012, 2015).

Os relatos dos habitantes da área remetem, ao invés, a outros significados para a onça/xamãe. Segundo Patricio Funes, o último *uturunco* (nome dado ao homem onça da região) rondava a área de La Tunita quando seu pai tinha cerca de 12 anos. Todos os homens locais saíram procurando por ele acompanhados de seus cães. Incapazes de pegá-lo por causa do quão rápido ele era, eles decidiram ofendê-lo com insultos, gritando para ele "Pare, porco, a mãe que o pariu!" O *uturunco* ouviu os gritos, parou e chorou, o que deu aos homens a oportunidade de atirar nele, matando assim o último dos *uturuncos*. Longe da prisão espaço-temporal vetorial, a localidade se desdobra em outros agenciamentos territoriais. O *uturunco* continua morando nas casas de pedra (Fernández, 2021).

É a partir de 2003 que podemos falar de *arqueologia pós-disciplinar* em Ancasti, que começa a visualizar um esforço para converter o conhecimento disciplinar em mercadoria. Nesse ano, o arqueólogo Domingo Carlos Nazar apresentou, em sua dissertação de mestrado, uma proposta de ativação patrimonial para La Tunita: “Parque Arqueológico La Tunita. Ampliação integral da arte rupestre da vertente oriental da Sierra de Ancasti, Província de Catamarca, Argentina” (Nazar, 2003). Nazar destacou, na sua obra, a relevância arqueológica da zona, sugerindo uma gestão integral do patrimônio desta região. Propôs um plano de gestão para o futuro Parque, tendo em conta a sua paisagem cultural. Ele estabeleceu seus limites e realizou um zoneamento na área. Através de diferentes programas, esquematizou como realizar a gestão do Parque Arqueológico, tendo em conta diferentes aspectos: Programas operacionais (construção e manutenção), Programas de gestão do Patrimônio Cultural (conservação, investigação e monitorização do sítio), Proteção dos recursos naturais e de Educação Patrimonial.

Este não é o único desenvolvimento *pós-disciplinar* em relação à arte rupestre de Ancasti. Em 13 de agosto de 2007, por decreto do Poder Executivo Provincial, foi criado o Parque Arqueológico La Tunita. Este fato foi consequência direta de uma queixa apresentada por Carlos Nazar em resultado do andamento de um projeto de construção de cabanas turísticas numa zona junto às grutas com pinturas. Este projeto iniciou-se com a construção de uma estrada, promovida pela então Secretaria do Turismo, que permitia o acesso aos sítios arqueológicos com veículos, apesar de não possuir a respectiva autorização. A abertura indiscriminada do local representava um risco elevado, uma vez que o local começava a ser promovido para o turismo, mas não possuía a proteção necessária para sua conservação. Posteriormente, a legislatura da província de Catamarca aprovou a formação de um Parque Arqueológico. Algum tempo depois, uma ONG de Buenos Aires, a Fundação de História Natural Félix de Azara, intervém na valorização do Parque e na instalação de um centro de interpretação (Fernández, 2021). Esses desenvolvimentos *pós-disciplinares*, no entanto, são interrompidos pelo súbito aparecimento de um ator muito mais poderoso com um objetivo conflitante.

Em 2017, as primeiras intervenções da empresa Latin Resources estão presentes na área para desenvolver um plano de exploração mineira em busca de recursos de lítio no pegmatito, nos mesmos locais onde até aquele momento o estado, a academia e uma importante ONG defendiam a conversão dos vestígios arqueológicos de La Tunita em mercadoria turística. Rapidamente, todos estes desenvolvimentos são congelados, ao ponto de o Parque Arqueológico ter suspenso a sua inauguração, que irá decorrer em 2019 como referido anteriormente. Em 2020, o surto da pandemia de Covid-19, com as consequentes restrições sanitárias, proporcionou o contexto para o congelamento do acesso turístico ao Parque.

Por outro lado, a partir de 2017, começaram a se desenvolver, não sem dificuldades, as primeiras conversas entre hippies e conterrâneos sobre a intervenção mineira e seus impactos. Estas se originam na história de desentendimentos entre os dois setores, levando em conta também a oportunidade de trabalho representada pela presença da corporação. Mas dada a gravidade dos possíveis impactos socioambientais, ou seja, a possível destruição e perda do território, as tensões dentro da comunidade local se transformaram em diferenças que poderiam ser complementadas para estabelecer acordos baseados no cuidado da água e do território ameaçado. Como em outras comunidades afetadas, eles começaram a afirmar coletivamente que a água vale mais que o lítio (Fernández, 2022b). Atividades conjuntas foram realizadas para tornar visível a posição majoritária da população, manifestando descontentamento com o andamento dos projetos de extração de lítio. Foram realizadas feiras de artesanato e produtos locais, com eventos musicais e artísticos onde foram compartilhadas informações sobre o impacto dos megaprojetos de mineração nos territórios, além de campanhas colaborativas de divulgação. Da exploração do subsolo da empresa Latin Resources, surge a presença da Assembleia Ancasti pela vida, como espaço de conversa entre a comunidade local e uma diversidade

de atorês, sustentando, ao longo do tempo, atividades que permitem estabelecer uma incidência no nível local e regional, em coordenação com outras assembleias e comunidades afetadas pelo avanço dos megaprojetos de mineração em Catamarca e outras províncias, em busca da defesa territorial.

HABITAR OS TERRITÓRIOS EM SACRIFÍCIO

Ês habitantes de Ancasti sabem que a tranquilidade do dia-a-dia é o mais importante. Híppies que chegaram há algumas décadas das grandes cidades do país em busca de uma mudança de vida e conterrânees que nasceram em famílias camponesas de Ancasti concordam em valorizar as pequenas coisas, como a tranquilidade de caminhar pelas trilhas, ou tomar chimarrão na galeria da casa quando chega uma visita. Ês híppies, nove habitantes de Ancasti, pretendem deixar para trás um passado e uma história cheios de condicionamentos, para transformar o presente mudando completamente. Tornam-se construtores de casas, aprendem a cortar adobe e a amassar barro, tornam-se agricultores e artesões, mudam seus pensamentos e práticas para fazer parte desse território que ês recebe, cansado de ver seus habitantes partirem. Entre ês recém-chegados e a população local, ês conterrânees, há encontros e desencontros. Mas também há confrontos sobre o uso do território, muitas vezes liderados por seus animais. Cachorros e vacas se enfrentam, encarnando o conflito por um território agora povoado por nove habitantes com prioridades e ideias diferentes. Mas entre a desarticulação da vida camponesa originária e a rearticulação da vida camponesa dês híppies, entre migração e mudança, vai se compondo uma teoria prática de habitar a localidade, um enraizamento que, quando os sentidos culturais com o território dês habitantes de Ancasti entram em conflito com os envolvidos na intervenção mineira, acaba por ligar os respectivos sentimentos de vincular híppies e conterrânees na defesa da água e do território (Fernández, 2021). Habitar Ancasti é tornar-se semente, árvore, rio, ser bicho, fazer parte da terra. Ouvimos como se tecem as palavras sem serem ditas, como ressoam os ecos do passado e do presente, vozes que falam do território e nos dizem que habitar Ancasti é ser permanentemente habitadê por tudo o que nos cerca. É uma conexão profunda que se estabelece em todas as direções. Viver também é um hábito, é um quarto, é o hábito de estar dentro, bem dentro, abrigado, bem plantado, enraizado, é a casa e quem a ocupa, porque o que seria da casa sem seu morador, ou o que seria dê habitante sem casa.



Figura 7. Assembleia da Ancasti pela Vida com o prefeito, dando explicações (2017).



Figura 8. Bandeira da Assembleia em reunião de assembleias (2017).

A ciência havia implantado, ainda que no território de Ancasti com pouca visibilidade, seus agenciamentos territoriais. A disciplina arqueológica inseriu Ancasti em uma narração do tempo linear e evolutivo, onde a arte rupestre de Ancasti era uma manifestação plástica de um sistema de controle ideológico no quadro de um processo de diferenciação política. Assim, o conjunto de representações em torno da onça e dê xamãe serviu de base para a hipótese sobre a crescente acumulação política de lideranças de grupos. Mas provavelmente a aposta mais relevante da arqueologia em termos de criação espaço-temporal em Ancasti tem sido o projeto de rentabilização turística dos sítios de arte rupestre, transformando-os em mercadoria para um mercado turístico imaginado, o que, ao contrário, teve outros significados ao longo da história. Nesta vertente pós-disciplinar, a arqueologia recebe a aliança do setor de promoção turística do Estado e de um agente paraestatal como a ONG Fundação de História Natural Félix de Azara, fruto da criação pela legislatura provincial do Parque Arqueológico. Ao mesmo tempo, a arqueologia pós-disciplinar desenvolve um projeto de organização da população do entorno para sua inserção direta no circuito mercantil -até agora imaginário- do turismo arqueológico. É neste momento que o capital irrompe pela corporação Latin Resources em aliança com o setor de mineração do estado provincial (que é imposto a todos os outros setores, inclusive aqueles com projetos paralelos e/ou alternativos).

Seria precipitado dizer que o agenciamento territorial do capital mineiro também se orienta para a mercantilização do território, como propõe a arqueologia pós-disciplinar. Neste caso, como em geral na mineração em grande escala, o significado territorial é o de uma vítima sacrificial, um território mais ou menos limitado cuja reprodução como habitat deve ser sacrificada em busca de um objetivo mais importante, como o de obter um mineral cuja diferença de valor financeiro no mercado internacional é muitas vezes maior do que a de agenciamentos territoriais alternativos (Machado Araújo, 2014; Bebbington, 2007, 2009). Por se tratar, aliás, não apenas de um megaprojeto de mineração, mas voltado para a extração de lítio, e este é o metal que passa a significar o ingrediente essencial para a fabricação de acumuladores de energia necessários para a conversão de motores de combustíveis fósseis para renováveis, processo que se julga necessário e urgente face à catástrofe planetária que se avizinha, surge como igualmente urgente, necessário e mesmo imprescindível submeter os territórios com reservas do lítio a um sacrifício imediato e inquestionável. Como outros territórios do lítio, Ancasti é designado como um território a ser sacrificado em busca da sobrevivência planetária. Todo outro sentido territorial em Ancasti é deslocado e é visto como anacrônico, irracional e desprovido de oportunidade. No entanto, não se questiona o fato de que foram justamente as intervenções territoriais sacrificiais que tornaram o planeta um lugar incerto à beira da catástrofe, e que qualquer avaliação razoável esperaria os mesmos resultados de tais procedimentos.

Ao tensionar o conflito territorial, os conjuntos de atorês realinham suas forças de acordo com seus agenciamentos territoriais, os sentidos com o território que compõem suas respectivas plataformas epistêmicas. O mesmo espaço tridimensional inclui, assim, várias plataformas de sentido, vários territórios a partir dos quais e através dos quais o conflito é travado. Os significados sacrificial, mercantil e relacional caracterizam os agenciamentos em luta. A arqueologia, em suas diferentes posições -disciplinar, pós-disciplinar, indisciplinada- intervém ativamente nos diferentes agenciamentos espaço-temporais com o território.

AGRADECIMENTOS

Às tecelãs de Santa Gertrudis, es vizinhas de Potrero de los Córdoba, e a Assembleia Ancasti pela Vida colaboraram com a pesquisa refletida neste artigo.

REFERÊNCIAS

- Aguilar, Franco y Zeller, Laura (2012) Litio. El nuevo horizonte minero. Dimensiones sociales, económicas y ambientales. CEDHA. Córdoba, Argentina.
- Aroca, Eduardo (2022) La Fiebre del Litio en Catamarca. *El Pucará, Catamarca*. https://www.elpucara.com/2022/06/la-fiebre-del-litio-en-catamarca/?utm_source=dlvr.it&utm_medium=facebook. Accesado el 02/10/2022.
- Bebbington, A. (Edit.) (2007) “*Minería, Movimientos Sociales y Respuestas Campesinas. Una ecología política de transformaciones territoriales*”, Instituto de Estudios Peruanos, Centro Peruano de Estudios Sociales, Lima.
- Bebbington, Anthony y Bebbington, Denisse (2009) “Actores y ambientalismos: continuidades y cambios en los conflictos socioambientales en el Perú”. En: De Echave, José, Hoetmer, Raphael, Palacios Panéz, Mario (Coords.) “*Minería y Territorio en el Perú: Conflictos, Resistencias y Propuestas en Tiempos de Globalización*”. CooperAcción, CONACAMI, Programa Democracia y Transformación Global, Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Lima.
- De la Fuente, Nicolás (1969) La Cultura de la Aguada: Nuevos aportes para su estudio. *Diario La Prensa* 23/11. Buenos Aires.
- De la Fuente, Nicolás (1979) Nuevos descubrimientos de arte rupestre en la región de Ancasti, Prov. de Catamarca. Centro de estudios de Regiones Secas.
- El Esquiú (2017) <https://www.elesquiú.com/cultura-y-espectaculos/2017/8/25/buscan-salvaguardar-la-tecnica-del-hilado-tejido-de-la-seda-del-coyuyo-258424.html>. Accesado el 04/10/2022.
- Fernández, Luciana (2021) *Habitantes de Ancasti: Seres, Naturalezas y Territorios*. Tesis de Grado. Director: Dr. Alejandro Fabio Haber. Licenciatura en Antropología Social y Cultural, Escuela de Arqueología, UNCa (Universidad Nacional de Catamarca).
- Fernandez, Luciana (2022a) Pastores, Tejedoras y Mariposas. Pensando las relaciones desde el afecto. *Revista Intersticios de la política y la cultura. Intervenciones latinoamericanas*. N°21 Vol. 11. Pp 112-138.
- Fernández, Luciana (2022b) El río Los Patos no se toca. Reflexiones sobre igualdad, libre determinación y la autonomía de los pueblos en contextos extractivistas. *Revista Vínculos. Sociología, análisis y opinión*, año 13. núm. 21.
- Fornillo, Bruno (2015) “Del salar a la batería”. Política, ciencia e industria del litio en la Argentina. En: *Geopolítica del Litio. Industria, ciencia y energía en Argentina*. Bruno Fornillo coord. Ed. El Colectivo. CLACSO. Pp: 57-90.
- González, A. R. (1955) Contextos culturales y cronología relativa en el área central del N.O.A. *Anales de Arqueología y Etnología*. Tomo IX. Universidad Nacional de Cuyo.
- González, A. R. (1961) La Cultura de la Aguada del N.O.A. *Revista del Instituto de Antropología. Facultad de Filosofía y Humanidades*. Tomo II. Córdoba.
- González, A. R. (1983) Notas sobre religión y culto en el N.O.A. prehispánico. *Baessler Archiv. Band XXXI*. Pp 55-98.
- González, A.R. (1998) *Cultura Aguada. Arqueología y Diseño*. Filmediciones Valero. Buenos Aires.

- Gordillo, Inés (2007) Detrás de las paredes: Arquitectura y espacios domésticos en el área de La Rinconada (Ambato, Catamarca, Argentina). En: *Procesos Sociales prehispánicos en el Sur Andino. La vivienda, la comunidad y el territorio*. Compiladores: A. Nielsen, C. Rivolta y otros. Ed. Brujas.
- Gordillo, Inés (2018) Descubriendo a La Aguada. Su lugar en la arqueología del noroeste argentino. En: *Los Pueblos de la Aguada. Vida y Arte*. Inés Gordillo (comp.). Academia Nacional de Historia. Ciudad Autónoma de Buenos Aires. Pp 17-19.
- Grosso, José Luis (2022). Los 50 años de la UNCA en la Refundación Minera de Catamarca. Ponencia presentada en el I Congreso Internacional de Humanidades, UNCa.
- Haber, Alejandro Fabio (2012) Un-Disciplining Archaeology. *Archaeologies* 8 (1).
- Haber, Alejandro F. (2015) Archaeology and Capitalist Development: Lines of Complicity. En: "*Ethics and Archaeological Praxis*", editado por C. Gnecco y D. Lippert. New York: Springer. 95-113.
- Haber, Alejandro F. y J. Grosso (2022) Entramados territoriales y arqueología indisciplinada. En: *Políticas patrimoniales, procesos de despojo y violencia en Latinoamérica*. C. Gnecco y C. Jofré (Eds.). Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires. Olavarría.
- Jurado Cazaux, Graciela y Adriana Zapata (2018) Polillas y tejidos de seda en bosques nativos de Argentina. *Revista de la Facultad de Ciencias Exactas, Físicas y Naturales*. Vol. 5. N°1. Universidad Nacional de Córdoba. Pp 77-82.
- Laguens, Andrés (2000) Sitio arqueológico Piedras Blancas: cambio, economía y sociedad en el Valle de Ambato, Argentina. IV Mesa Redonda sobre la cultura de la Aguada y su dispersión. San Pedro de Atacama, Chile.
- Laguens, Andrés (2007) Contextos materiales de desigualdad social en el valle de Ambato, Catamarca, Argentina, entre los siglos VII y X d.c. *Revista española de antropología americana*, vol. 37, N°1. Pp 27-49.
- Latin Resources (2022) <https://www.latinresources.com.au/catamarca-project-argentina/>. Accesado el 05/10/2022.
- Llamazares, A. M. (1997/98) El arte rupestre de la cueva de la Candelaria, Prov. de Catamarca. En: Serie arqueología N°50. Centro de investigaciones de la Facultad de Filosofía y Humanidades. Universidad Nacional de Córdoba. Córdoba. Pp 1-26.
- Llamazares, A. M. (2000) Arte chamánico del antiguo noroeste argentino. *Visión Chamánica. Publicación de etnomedicina y chamanismo*. Año 1.N 3. Bogotá.
- Llamazares, A. M. (2002) Arte chamánico. La simbiosis del hombre-jaguar en la iconografía arqueológica de la cultura Aguada, Noroeste de Argentina (400-1000 dc). En: *Cultura y droga*. Año 9, N° 11. Universidad de Caldas.
- Llamazares, A. M. (2006) Metáforas de la dualidad en los Andes: Cosmovisión, arte, brillo y chamanismo. En: *Las imágenes precolombinas: reflejo de saberes*. Victoria Solanilla y Carmen Valverde (Eds.) Actas del Simposio ARQ 24 de SACIA, Sevilla.
- Machado Aráoz, Horacio (2014) Territorios y cuerpos en disputa: Extractivismo minero y ecología política de las emociones. *Intersticios* Vol. 8 (1)
- Ministerio de Ciencia, Tecnología e Innovación (2019) <https://www.argentina.gob.ar/noticias/inauguran-el-parque-arqueologico-la-tunita>. Accesado el 03/10/2022.
- Nazar, Domingo Carlos (2003) *Parque Arqueológico La Tunita. Puesta en valor integral del arte rupestre de la vertiente oriental de la Sierra de Ancasti*. Tesis de maestría. Universidad Internacional de Andalucía.
- Nazar, Domingo Carlos; Doulout, Luis Noel; Rodríguez, Martín Lucas (2013) Puesta en valor y manejo integral del patrimonio. La problemática socio ambiental del Parque Arqueológico La Tunita, Sierra de Ancasti (Catamarca, Argentina). *Cuadernos de la Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales*. Universidad Nacional de Jujuy 44, Jujuy, Argentina. Pp 153-173.

- Nuñez Regueiro, V. y M. Tartusi (2002) Aguada y el proceso de integración regional. *Estudios Atacameños* N°24. Pp 9-19.
- Pérez Gollán, José A. y Osvaldo R. Heredia (1987) Hacia un replanteo de la Cultura Aguada. *Cuadernos del Instituto Nacional de Antropología* 12. Pp 161-178.
- Puente, Florencia y Argento, Melisa (2015) Conflictos territoriales y construcción identitaria en los salares del noroeste argentino. En: *Geopolítica del Litio. Industria, ciencia y energía en Argentina*. Bruno Fornillo coord. Ed. El Colectivo. CLACSO. Pp: 123-166.
- Quesada, M. y Gheco, L. (2015) Tiempos, cuevas y pinturas. Reflexiones sobre la policronía del arte rupestre de Oyola (Provincia de Catamarca, Argentina). *Relaciones de la Sociedad Argentina de Antropología*. XL (2). Pp 455-476.
- Zicari, Julián (2015) “El mercado del litio desde una perspectiva global: de la Argentina al mundo. Actores, lógicas y dinámicas”. En: *Geopolítica del Litio. Industria, Ciencia y Energía*. Bruno Fornillo (coord.) Editorial El Colectivo. CLACSO. Pp 19-50.